

# OS DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO MÉDIO DA SOCIEDADE MODERNA BRASILEIRA

## *THE CHALLENGES OF TEACHING PRACTICE IN THE HIGH SCHOOL OF MODERN BRAZILIAN SOCIETY*

*Wilma Almeida da Silva Alencar*

wilma.almeida87@yahoo.com.br

Especialização em Docência em Biologia

Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF

*Adriana Gradela*

agradela@hotmail.com

Doutora em Zootecnia (UNESP)

Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF

### RESUMO

Na fronteira dos tempos modernos, a Educação dos professores deve ser inspecionada, atualizada para ganhar ritmo e não se distanciar da sucessão de mudanças provocadas pela globalização. Gerenciar conflitos, superar barreiras provocadas pelas evoluções sociais – que dificultam o ensino-aprendizagem – são uns dos desafios. Para superá-los, o professor necessita de subsídios para fazer a diferença nesse espaço, onde os avanços tecnológicos e as influências da mídia transformam comportamentos e determinam que os velhos paradigmas que permeiam a inter-relação entre a Geração X (professor) e a Geração Alfa (aluno) sejam reavaliados. Nesse sentido, essa pesquisa tem por objetivo principal analisar a prática docente, fazendo assim uma reflexão acerca da mesma, tendo a consciência de que a educação dada na escola precisa estar preocupada com a formação do cidadão, e que para isso deve ser reformulada constatemente afim de que caminhe junto com a modernidade. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados Scielo e Google Acadêmico. Ao final, pode-se concluir que o professor é peça fundamental na formação de consciências críticas e participativas, no entanto é necessária a busca por constantes atualizações, visto que a modernidade oferece muitos atrativos que podem, facilmente, se não forem utilizados em benefício da educação, tirar o foco da aprendizagem.

**Palavras-chave:** Desafio. Professor. Modernidade. Aprendizagem.

### ABSTRACT

On the border of modern times, the education of teachers should be inspected, updated to gain pace and not distance themselves from the succession of changes brought about by globalization. Manage conflicts, overcome barriers caused by social changes - that hinder the teaching-learning-is one of the challenges. To overcome it, the teacher needs subsidies to make a difference in this space, where technological advances, media influences, transform

behaviors and determine that the old paradigms that permeate the interrelation between Generation X - teacher - and generation Alfa - Students are reassessed. In this sense, this research has as main objective to analyze the teaching practice, thus making a reflection about the same, with the awareness that the education given at school must be concerned with the training of citizens, and for that it should be reworded constatemente in order that walk along with modernity. Therefore, we conducted a literature in Scielo and Google Scholar databases. At the end it can be concluded that the teacher is a key part in the formation of critical and participatory consciousness, however the search for constant updates are required, as modernity offers many attractions that can easily if not used for the benefit of education , take the focus of learning.

**Keywords:** Challenge. Professor. Learning. Modernity.

## INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, a cada dia vivenciamos novos estilos de vida, diferentes propostas de relações interpessoais, posturas e comportamentos num paradigma voltado para um sistema de “normalidade”. Na vida e nos aspectos profissionais, surgem perspectivas que mexem com a identidade do sujeito. Observa-se, então, que, na prática educativa, o trabalho docente tem um significado bem mais compreendido quando adquire o significado do trabalho humano e, no processo desse trabalho, a atividade humana opera uma transformação.

Acerca dessas construções, a prática docente ainda é sentida de maneira que os efeitos da ideologia reprodutivista, totalmente contrária à prática reflexiva, defendida por Freire (2003), que perpassam pelos sistemas educativos, estão gerando seres humanos distanciados de si mesmos, com dificuldades de assumir a sua própria autoria. E, quando esse sujeito tende a aceitar passivamente aquilo que o pensamento dominante, dentro da sociedade, vai impondo como desejável, como melhor, como correto... como normal... pode, então, provocar a normose.

Para Weil (2003, p. 23), a normose é uma normalidade doentia. E certamente existe uma diferença entre a normose e uma “normalidade saudável”, que se constitui num consenso, como, por exemplo, jantar às 19 horas. A normose se caracteriza pelo comportamento padronizado pela cultura, que, geralmente, é aceito como normal pela maioria dos sujeitos, mas é construtor de um sofrimento. Então, no que tange à normose das práticas escolares, observa-se que, para se colocar em prática um tipo de educação que provoque criticamente a consciência do estudante, ir-se-á contra alguns mitos que nos deformam. E esses mitos

deformadores vêm da ideologia dominante na sociedade. Cabe ao educador, portanto, estar sempre atento às mudanças que vêm ocorrendo na sociedade no que diz respeito ao sistema de ensino e às mudanças tecnológicas. Enfim, para não cair na “normose”, é preciso que o docente não se sinta acomodado em sua prática; este precisa, a cada dia, repensá-la, para que, a partir dela, torne os alunos seres pensantes e críticos em sociedade.

Freire (1970) enfatiza que a normose é complexa e constitui-se como um grande desafio para quem se preocupa com a formação de professores, que está diretamente ligada à formação do sujeito, individual e coletivo, nos sistemas educacionais. É fundamental que esse formador, em suas práticas educativas, admita o enfrentamento, que abra espaço para discussão em nossas instituições e que não permita que as escolas sejam simplesmente espaços para abrigar a patologia da normalidade, mas um local que suscite a construção da autoria de si mesmo, para se construir uma sociedade menos doentia e mais humana.

Conclui-se, com isso, que o professor precisa desenvolver em seus alunos a capacidade de raciocínio que lhes permita aprimorar seus conhecimentos e refletir criticamente sobre o que aprenderam, de modo a ampliar sua visão do mundo físico e social. Necessita, ainda, em suas aulas, apresentar e desenvolver os conteúdos de maneira que os alunos não aprendam de forma arbitrária, sem seus critérios, o que a humanidade elaborou e nos deixou como herança, e sim, em sua prática, formar, sobretudo, responsabilidade social, levando seus alunos a construir projetos pessoais nos quais estejam assegurados os valores democráticos e preparar alunos capazes de enfrentar situações em seu dia a dia com segurança e competência.

Assim, os desafios na prática docente, especialmente no ensino médio, só serão superados quando houver em um primeiro momento a participação da comunidade escolar, pois, de acordo com os estudos de Weisz (2006), isso vai contribuir para o sucesso do trabalho pedagógico; e num segundo momento, não menos importante, quando houver interação e diálogo entre professor e aluno, em sala de aula, pois, dessa forma, fica mais fácil a obtenção da verdadeira formação crítico-reflexiva frequentemente abordada nos estudos de Libaneo (2008). Portanto, torna-se necessário fazer uma reflexão sobre como essa prática acontece no nosso dia a dia e buscar meios para melhor desenvolvê-la, de modo a adequá-la ao tipo de homem e de sociedade que se pretende construir.

Nesse sentido, essa pesquisa tem por objetivo principal analisar a prática docente, fazendo assim uma reflexão acerca da mesma, tendo a consciência de que a educação

promovida na escola precisa estar preocupada com a formação do cidadão, e que, para isso, ela deve ser reformulada constantemente, a fim de que caminhe junto com a modernidade.

### **Desafios da Prática Docente**

Conforme Luckesi (1991), se na sala de aula o professor não der conta da política de ofertas de vagas e de acesso dos educandos à escola, podemos dar conta de um trabalho educativo e significativo para que nela tenham acesso. Trabalho esse que, se for de boa qualidade, será um fator coadjuvante de permanência dos educandos dentro do processo de aquisição do saber e conseqüentemente também um fator dentro do processo de democratização da sociedade.

Com o avanço da tecnologia, o aluno está atento a tudo o que acontece em tempo real, seja por meio da TV ou Internet. Este talvez seja um dos maiores desafios do professor: lidar com essas informações e contextualizá-las no âmbito do dia-a-dia escolar. Kenski (2007) diz que o desafio é duplo, pois o professor precisa adaptar-se aos avanços tecnológicos e orientar o caminho de todos para o domínio e apropriação crítica desses novos meios. Para isso, a escola precisa se adequar a essa realidade e fornecer meios que contribuam para uma prática pedagógica satisfatória e significativa. Assim, o professor deve assumir uma nova postura e buscar novos caminhos para aprimorar suas aulas e motivar seus alunos.

Compreende-se que o inter-relacionamento professor-aluno deve ser fundamentado no incentivo à criatividade, ao debate, ao estudo, empenhados em criar a reflexão crítica. O professor, como sujeito de criação, coordenando os estudos, questionamentos e debates; o aluno, como sujeito de seu aprendizado, no exercício e desenvolvimento do seu potencial crítico e participativo. Mas, para isso, é necessário ao professor ter conhecimento de sua área de especialização e estar informado sobre a realidade como um todo, para que possa proporcionar ao aluno o desenvolvimento do potencial de uma reflexão crítica.

Então, ao analisarmos a relação pedagógica na sala de aula, fica evidenciada a importância das interações aluno-conhecimento, professor-aluno e professor-aluno-conhecimento na construção do sucesso ou fracasso escolar, pois Libâneo (1994) ressalta que o trabalho docente nunca é unidirecional, o professor não só transmite uma informação, mas também dá oportunidade ao aluno de expressar e expor suas opiniões. É importante, ainda, que o professor tenha sempre a clareza do que pretende transmitir ao aluno, preocupando-se

sempre com a construção do saber, levando o aluno a aprender a relacionar as ideias com os fatos.

Podemos considerar ainda que a prática educativa na escola se torna mais democrática quando o professor envolve o aluno como sujeito do próprio processo de construção de conhecimento. O fundamental é despertar no aluno uma imaginação que produza o novo, a realização de um programa de democratização dos professores e métodos de ensino; transformar a sala de aula num laboratório de criatividade, uma vez que o professor que domina totalmente o conteúdo da disciplina que leciona pode ser um bom professor, mas nem sempre um educador, pois educador é aquele que dá aos alunos os instrumentos necessários ao seu desenvolvimento como elemento crítico e transformador da realidade social. Para que isso possa ocorrer, é necessário um maior aprimoramento no campo didático-pedagógico daqueles que se propõem a atuar como docentes.

Ser professor é fazer diariamente três perguntas-chave: o que posso fazer para ajudar meu aluno hoje? Como posso tornar sua aprendizagem significativa? E como posso ser um professor melhor?

O perfil do professor atualmente deve ser condicionado a uma nova postura, que estimule o amor, a proatividade e as habilidades de socialização, conectando-se num processo de interdependência, de colaboração, de interatividade, que provoque o pensamento ilimitado. A aceitação desta postura por parte dos alunos vai depender de valores morais como: gentileza, paciência, capacidade de perdoar, cortesia, humildade, generosidade e honestidade, que devem servir para descortinar caminhos para uma boa relação professor-aluno no contexto de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido:

O bom professor é aquele que desenvolve habilidades que atendam as mudanças drásticas na própria cultura; faz-se necessário, então, conhecimento preciso das diferenças que existem entre os alunos, assim como do quadro cultural que rodeia a escola, para melhor definição de necessidades e expectativas que levem a desempenhos em grau e prontidão pessoal (Souza, 2015).

Isso implica no fato de que o professor que apresente atitudes diárias com amor e respeito, negando violência ou qualquer tipo de rejeição ou indiferença, conseqüentemente, trará alegria e, sem dúvida, a inserção.

## **A Nova Configuração do Docente**

Com essas transformações biopsicossociais, nas últimas décadas a escola vem assumindo, praticamente sozinha, um papel que, em princípio, não deveria ser só seu: o de educar seus alunos somente para a cidadania, mas na formação geral (cognitiva, afetiva, emocional, orgânica, social). Essa responsabilidade foi sendo despejada sobre a instituição escolar por uma série de motivos. Sabe-se que o fruto dessas transformações emergiram da sociedade em transição; assim, os valores formativos, éticos e familiares estão em transformação.

Estabeleceu-se uma nova configuração docente; certamente a relação do professor com sua profissão tem um significado excepcional, pois, ao se referirem a ela, os docentes mencionam a paixão, o laço emocional, que é um componente fundamental na prática docente. Os professores cumprem a sua função munidos de uma formação técnica que inclui o laço emocional-afetivo ao trabalho. Acerca desse aspecto, Jean Piaget (2002) atribui importância à dimensão afetivo-emocional na formação dos níveis de aprendizagem do desenvolvimento humano. Essa peculiaridade do fazer docente envolve o campo de relações com seus alunos e a própria “missão” de educar. No entanto, esse fazer docente pós-contemporâneo exige demandas de atividades sem fim, que vão além das horas contratadas pelas escolas.

De acordo com Abreu e Masetto (1990), é a maneira de agir do professor em sala de aula, mais do que suas características de personalidade, que contribui para uma adequada aprendizagem dos alunos. Eles defendem a concepção de que a figura do professor em seu papel docente reflete valores e padrões da sociedade.

A educação escolar mudou. Se compararmos a educação brasileira de hoje com a de 30 anos atrás, certamente constataremos uma melhora, mas, se compararmos com o que se exige hoje da educação, sem dúvidas regredimos bastante. Os professores sentem-se como nadando contra a maré. É como se avançássemos, mas ficando para trás. As exigências educacionais crescem numa velocidade maior do que a educação pode acompanhar, os pais sentem dificuldades em orientar seus filhos e muitas vezes terceirizam o seu papel. Assim, não sabem lidar com a situação de limites. Muitos pais se tornam superprotetores, o que impede o desenvolvimento da autonomia; outros deixam claro que, devido ao tempo reduzido

com os filhos, preferem não fazer exigências, negligenciando, muitas vezes, a formação ética dos filhos.

Nesse contexto, os pais, com seu tempo reduzido, passam fugazmente pela sua responsabilidade de educar. Há os que se importam com demasiado autoritarismo, porque “necessitam educar”; há os que assumem a postura inversa: são excessivamente permissivos ou ausentes e não promovem um desenvolvimento equilibrado. As famílias também delegam à escola a formação ética, e o professor “assume” mais um papel: o de dar limites e orientar valores. Assim,

É necessário que pais e educadores compreendam que colocar certas restrições à ação dos alunos faz com que estes desenvolvam uma relação afetiva segura com o educador e passem a respeitá-lo por esse comportamento. A existência do amor do professor pelo seu aluno não deve ser confundida pela falta de autoridade. Entende-se que o professor deva sempre colocar-se como adulto na relação, isto é, favorecer o vínculo afetivo, mas não se furtar a pôr os limites, tão necessários para que o aluno cresça dentro de referenciais claros e seguros (Polity, 1988).

Aqui, não se pretende colocar a culpa nas famílias, nos pais, que também têm suas dificuldades, mas se propõe encontrar um ponto de equilíbrio. É necessário dividir a tarefa de educar, delimitar as responsabilidades e construir um tripé escola-aluno-família com uma boa convivência social. A tarefa não pode ser “árdua” somente para escola, somente para o professor. Não é fácil educar, há que se buscar caminhos de aproximação com a família para partilhar responsabilidades e formar cidadãos respeitosos, participativos e críticos.

Os professores clamam por uma educação mais justa, mais solidária, mais comprometida, mais crítica, mais consciente, mais libertadora. Almejam por uma verdadeira revolução na educação. Uma revolução que valorize e contribua para a melhoria da Educação em nosso país, das condições de trabalho e da valorização de nossos mestres, para que eles possam conscientizar e focar sua prática na formação de vidas, e não somente no preparo para o vestibular. Mas, lamentavelmente, como afirma Cury (2003), muitos jovens não têm perspectivas para o futuro, vivem alienados, sem garra ou projetos de vida, se escondendo atrás dos livros, apostilas e computadores.

Devido ao fato de ter diante de si diversas mentes a serem cultivadas e pensamentos a serem trabalhados, frisa-se a necessidade do professor ser um gestor de pessoas – e também

a importância de seu papel como orientador, a necessidade de saber transmitir o conteúdo para que a informação se transforme em conhecimento e este se torne experiência.

Por último, enfatiza-se a função de mestre e a importância de assumir uma sala de aula principalmente por vocação, entendendo seu papel de profissional da Educação no processo de ensino-aprendizagem. Que seja acima de tudo competente e comprometido.

Um professor vocacionado entende e sabe que deve ensinar o conhecimento gerado que será útil ao aluno e à sua vida, entende também que deve ser hábil em gerenciar conflitos, dominar emoções e discernir as atitudes dos alunos.

Portanto,

É preciso ter consciência de que estamos numa grande luta: a luta contra a brutalidade, a alienação, a destruição do homem. Não podemos esquecer isso e reduzir o problema apenas à relação professor-aluno, aluno-escola. O inimigo é muito maior do que se imagina num primeiro momento (e não é o aluno) (Vasconcellos, 2006).

Enfim, como educadores, será que estamos dispostos a realizar o esforço necessário para adquirir uma bagagem que nos permita oferecer novas possibilidades de mudança à sociedade? Diante de tantos desafios no dia a dia e na escola, nem sempre é fácil ser protagonista dessa missão. No entanto quando se pensa na sociedade que se almeja construir, todo esforço é válido e compensador. Como afirma Cury (2003): *“Educar é ser um artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de idéias”*.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este artigo analisou a prática pedagógica do professor em sala de aula e a importância de seu papel como educador na formação de consciências críticas e participativas. Percebe-se a necessidade de que os profissionais que atuam na escola, sejam professores ou gestores, investiguem, reflitam e redimensionem sempre sua ação para que, através de novos procedimentos pedagógicos, ocorra sempre o aperfeiçoamento do trabalho escolar, o aprendizado de novas técnicas e habilidades na arte de ensinar, levando ao aprendizado do aluno e à melhoria da prática em sala de aula e da organização escolar. Nesse sentido, o conhecimento do professor e as atitudes tomadas frente ao seu trabalho como educador são



relevantes para o sucesso do aluno. Preparando-os para a vida social, a ação pedagógica deve ser comprometida com a efetiva aprendizagem e envolver um conjunto de procedimentos ligados diretamente à competência técnica, ao seu compromisso como educador, como também ao seu compromisso com a organização administrativa da escola onde trabalha.

Portanto, é fundamental a busca de constante atualização por parte do educador, tendo em vista a excelência do seu desempenho didático-pedagógico em sala de aula. Isso se traduz numa atitude científica do professor e na adoção de uma posição dialógica com seus alunos, com o propósito de exercitar a sua capacidade crítica e criativa. E quanto ao papel da escola, esta precisa cada vez mais integrar professores e alunos, com o propósito de exercitar a socialização do saber e, conseqüentemente, a construção do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ABREU, M. C.; MASETTO, M. T. **O professor universitário em aula**. São Paulo: MG Editores Associados, 1990. 130p.

CURY, A. J. **Pais brilhantes e Professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2003. 176p.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P.. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 144p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003. 152p.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. 24.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2002. 136p.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 2007. 141p.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. 134p.

LIBÂNEO, J. C.. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (Orgs.) **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 53-79.

LUCKESI, C. C. **Fazer universidade:** Uma proposta metodológica. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1991. 288p.

POLITY, E. **Ensinando a ensinar.** São Paulo: Lemos, 1988. 94p.

SOUZA, J. M. D. Práticas pedagógicas, direitos humanos e educação online. 2015.  
Disponível em: <<http://ppdheon.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12 dez. 2014

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação da Aprendizagem:** Práticas de mudança - por uma práxis transformadora, 7.ed. São Paulo: Libertad, 2006. 125p.

WEIL, P. Introdução ao tema normose. In: WEIL, P.; LEPOUD, J. Y.; CREMA, R.  
**Normose:** Apatologia da normalidade. Campinas: Verus, 2003. 240p.

WEISZ, T. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem.** 2.ed. São Paulo: Ática, 2006. 135p.